

JUVENTUDES, EDUCAÇÃO E TRABALHO SOB A ÓTICA DE JOVENS EGRESSOS DE CURSOS DO PRONATEC

Lucas Andrade Ananias¹

RESUMO

Este artigo buscou apresentar algumas considerações acerca da compreensão de jovens egressos de cursos oferecidos pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) do município de Santa Maria – RS sobre os tópicos Juventudes, Educação e Trabalho. Foram realizadas oito entrevistas com jovens de cursos de formação inicial continuada, procurando responder ao problema: “Quais os impactos efetivos do PRONATEC na vida e na inserção dos jovens no mercado de trabalho?”, as quais forneceram os subsídios para esta discussão. O conhecimento/reconhecimento pelo jovem através das entrevistas de seu protagonismo no que se refere ao seu entendimento sobre questões como educação e trabalho mostrou-se como o principal argumento para a elaboração deste artigo. Percebeu-se também que a fala dos jovens apresentam diversos elementos que estão relacionados ao cotidiano, ao território e à constituição de uma identidade juvenil, os quais devem ser considerados na formulação de políticas públicas.

Palavras-chave: Educação. Juventudes. Trabalho.

YOUTH, EDUCATION AND WORK FROM THE PERSPECTIVE OF YOUNG GRADUATES OF PRONATEC COURSES

ABSTRACT

This article presents some considerations about the understanding of young graduates from courses offered by the National Program for Access to Technical Education and Employment (PRONATEC) of the city of Santa Maria - RS on the topics youth, education and work. Eight interviews with young people from continuing initial training courses were realized, trying to answer the problem “Which are the impacts of PRONATEC in life and integration of young people into the job market?”. The answers provided grants for this discussion. The knowledge/recognition by the young people through the interviews of their role in relation to their understanding of issues such as education and work were shown as the main argument for the preparation of this article. It was also perceived that the speech of young people has several elements that are related to daily life, the territory and the establishment of a youth identity, which must be considered in the formulation of public policies.

Keywords: Education. Labor. Youth.

INTRODUÇÃO

Tendo como pano de fundo uma investigação acerca do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), que traz um discurso de educação de qualidade e inserção no mercado de trabalho destinado a jovens e trabalhadores, foi elaborada e defendida uma Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-

¹ Psicólogo, Mestre em Educação. E-mail:

Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a qual buscou responder ao problema: “Quais os impactos efetivos do PRONATEC na vida e na inserção dos jovens no mercado de trabalho?”.

Considerando o problema de pesquisa, que abarca as implicações do programa na vida do jovem, e tendo em vista o número de oito jovens que participaram das entrevistas, destaca-se que as respostas obtidas levaram em conta a singularidade das vivências dos sujeitos pesquisados, referindo-se ao que se apresenta e problematiza neste artigo, em consonância com o referencial teórico utilizado na análise dos dados. Sendo um Estudo de Caso, não se busca generalizar esta discussão a todo o público juvenil, mas sim refletir acerca das concepções dos jovens entrevistados acerca das temáticas juventudes, educação e trabalho.

METODOLOGIA

A elaboração deste artigo está baseada em um Estudo de Caso, cujas bases metodológicas apresentaram-se mais pertinentes à proposta de investigação apresentada. O Estudo de Caso “é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente” (TRIVIÑOS, 1987, p. 133). Sob esse fundamento, percebe-se que tal tipo de pesquisa caracteriza-se como um estudo descritivo e em profundidade de um determinado fenômeno social. A generalização dos resultados da pesquisa torna-se, neste sentido, um fator de menor relevância, tendo em vista a complexidade que se atinge sobre o objeto em evidência, conforme se aprofunda o estudo no recorte considerado.

Sobre a abordagem qualitativa desta pesquisa, recorreu-se à compreensão de Minayo e Sanches (1993) sobre a existência de uma aproximação entre sujeito e objeto, tornando significativo o conhecimento que vai sendo construído com os dados obtidos no desenvolvimento da pesquisa. A abordagem qualitativa tem a função de descrever, de compreender e de explicar determinado fenômeno. Segundo os autores, a palavra é o material primordial desta abordagem. Neste caso, ela “adequa-se a aprofundar a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem abrangidos intensamente” (p. 247).

De acordo com Minayo (2011), as entrevistas são os instrumentos mais usuais no trabalho de campo. Para selecionar os jovens que participaram desta pesquisa, realizou-se primeiramente uma consulta nas fichas de matrícula de cinco jovens egressos de cinco cursos de formação inicial continuada realizados do ano de 2013 em uma instituição do Serviço Nacional de Aprendizagem que ofereceu cursos através do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), localizada no município de Santa Maria – RS. Esses cursos foram aqueles que tiveram o maior número de turmas oferecidas no referido ano. Também foram selecionados três jovens egressos de um dos últimos cursos oferecidos pela referida instituição, totalizando oito sujeitos entrevistados.

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), órgão vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), criada pela Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) 196/96, de 10/10/96. O projeto foi aprovado por esta instância colegiada, que emitiu parecer favorável. Todos os jovens participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS

Para a realização desta pesquisa, foram localizados cinco jovens, caracterizados com nomes fictícios para resguardar-lhos o sigilo: Cleci, sexo feminino, 29 anos, Ensino Médio Completo, desempregada, egressa do curso de Auxiliar Administrativo; Denise, sexo feminino, 27 anos, Ensino Médio Completo, desempregada, egressa do curso de Costura; Gláucia, sexo feminino, 28 anos, Ensino Médio Completo, desempregada, egressa do curso de Modelista; Leonardo, sexo masculino, 25 anos, Ensino Médio Completo, empregado, egresso do curso de Eletricista Instalador Predial de Baixa Tensão; Marivone, sexo feminino, 24 anos, Ensino Médio Completo, desempregada, egressa do curso de Operador de Computador. Em seguida, foram localizados três jovens do curso de Mecânico de Usinagem Convencional, um dos últimos cursos oferecidos no ano de 2014 pela instituição pesquisada. Da mesma forma, estes jovens estão caracterizados com nomes fictícios para resguardar o sigilo. São eles: Leandro, sexo masculino, 17 anos, cursando Ensino Médio, em busca do primeiro emprego; Alfreli, sexo masculino, 23 anos, Ensino Superior Cursando, desempregado; e Wagner, sexo masculino, 27 anos, Ensino Superior Incompleto, desempregado.

JUVENTUDE, EDUCAÇÃO E TRABALHO

As discussões sobre Juventudes, Educação e Trabalho, em consonância com as percepções dos jovens sobre estas temáticas, contribuíram no sentido de perceber os entrevistados como sujeitos inseridos em um determinado contexto juvenil, dentre as diversas possibilidades existentes. Neste sentido, Dayrell e Corrochano (2009) lembram que é

[...] importante considerarmos os jovens enquanto pertencentes a uma geração que vive em determinado contexto social, econômico e político – o do início do século XXI com todas as suas mutações e desafios a ele inerentes, mas, ao mesmo tempo, em sua diversidade de pertencimento de classe social, sexo, cor/raça e trajetórias de vida. (p. 119).

Desta forma, o espaço propiciado pela pesquisa possibilitou ao jovem falar sobre a sua percepção enquanto jovem. Também foi possível conhecer um pouco sobre suas percepções acerca das temáticas educação e trabalho. Para tanto, a entrevista questionou: “O que você pensa sobre a) Juventude; b) Educação; c) Trabalho?”. A partir da fala livre, os entrevistados discorreram sobre tais tópicos, refletindo sobre a formação, a questão da empregabilidade, as perspectivas de futuro, além de deparar-se com o próprio momento de vida: a juventude.

O JOVEM PELO JOVEM

Ao estabelecer uma analogia com a provocação “Os subalternos podem falar?”, Castro (2011) reflete acerca da situação dos jovens no país na contemporaneidade. A autora considera que este público está geralmente posto em evidência a partir do que o outro, no caso os adultos, apontam acerca de suas conquistas, demandas, dilemas e protagonismo. Por esta razão, ela aborda a importância de um espaço de diálogo para os jovens. Desta forma:

[...] os jovens falam (enquanto sujeitos políticos) na condição de, a partir de seu lugar singular na sociedade, poderem dizer/falar de alguma injustiça que, mesmo sofrida mais por eles do que pelos outros, nos concerne a todos, ainda que nem todos a experienciem em igual intensidade. (CASTRO, 2011, p. 300).

Apenas recentemente a Juventude passou a ocupar maior espaço na agenda governamental. Daí o principal argumento de ouvir o que os jovens têm a dizer, seja acerca de si mesmo ou de questões que perpassam as suas experiências, as quais muitas vezes são desconsideradas na formulação de políticas públicas. Por esta razão, o investimento dirigido aos jovens incluem ações voltadas à redução de desigualdades, como forma de garantir à sociedade a efetivação de direitos constitucionalmente estabelecidos.

Amparado em pressupostos como a ampliação da escolaridade e inserção no mercado de trabalho, a formulação de políticas públicas deve pautar-se não apenas em metas estipuladas como necessárias para o desenvolvimento social e econômico do país. Afinal, a Juventude abrange uma dimensão sociocultural, cujas vivências, experiências e tempos devem ser considerados na formulação de estratégias que tenham por finalidade tal objetivo.

A partir disto, é possível recorrer às falas das entrevistas realizadas para ouvir a opinião dos jovens. Portanto, buscou-se fazer com que este espaço proporcionado por ocasião da pesquisa realizada permitisse aos jovens um momento de escuta sobre suas impressões em questões importantes para o seu momento de vida. Nestas, incluem-se a formação, a questão da empregabilidade, as perspectivas de futuro, além de se perceberem enquanto jovens.

Sobre este momento de vida, o jovem Alfreli (23 anos) define: “Acho que é a fase melhor da vida da gente... Juventude! Muita gente tá com as ideias à flor da pele.”. Este momento, visto como algo bom e uma etapa da vida que deve ser aproveitada, demonstra uma percepção positiva para o jovem e possivelmente compartilhado com outros jovens.

São diversas as óticas pelas quais a juventude pode definir-se. Mesmo que Novaes (2003) saliente que não há segmentos juvenis capazes de falar por toda a juventude, senão por parcelas desta população, verifica-se a necessidade e a importância de considerar o que os jovens têm a dizer sobre si. Isto acaba por confirmar a visão plural deste público que autores como Sposito (2003) trazem acerca dos estudos sobre juventudes no Brasil.

Mais do que uma condição biológica marcada pelo tempo, a Juventude deve ser compreendida sua dinamicidade, perpassando questões sociais como etnia, gênero, escolaridade, situação ocupacional, entre outras. Nas entrevistas, os jovens destacaram diferentes compreensões sobre as juventudes. Esta pluralidade de percepções reside na diversidade de modos de viver a juventude em seus mais variados aspectos e contextos.

Reconhecer estas diferentes formas de compreensão das juventudes é um importante mecanismo para a desmistificação de um discurso demasiadamente negativo ainda presente, no qual o jovem é considerado como um dos responsáveis pela desordem e insegurança social. Alguns dos jovens entrevistados expressaram: “Juventude tá meio conturbado esse povo aí. Eu acho que a juventude não leva nada a sério, só quer fazer baderna.” (Gláucia, 28 anos); “Eu digo que hoje em dia essa gurizada, porque eu já sou casado e tudo, tenho vida estabilizada, mas eu acho que tão muito liberal esse pessoal aí.” (Leonardo, 25 anos).

A partir destas percepções, foi possível ilustrar que o discurso da juventude atrelado a uma ameaça aos padrões sociais, tão em voga na década de 1990 com altos índices de criminalidade e drogadição sendo dissipados midiaticamente, de forma a enfatizar uma necessidade de controle de condutas em sociedade, permanece como uma das diversas possibilidades de entendimento da condição juvenil. No entanto, a idade desses jovens entrevistados também tem muito a dizer, visto que presenciaram em sua infância esta configuração social e mantêm tal compreensão até os dias atuais.

A partir dos fenômenos sociais supra, percebe-se que a concepção de uma juventude relacionada a problemas da sociedade, constituídos historicamente tanto no Brasil quanto em outros países da América Latina, está limitada a um entendimento que vem desde períodos de governos militares, passando pelos altos índices de pobreza e inflação da década de 1980, que levaram à adoção de ações, políticas e estratégias administrativas que tinham como foco o investimento em determinados setores sociais. Tratava-se do jovem, eleito como um problema, causador da desordem e insegurança, o público que acabou por ser tão estigmatizado como ameaça aos padrões sociais, enraizando no imaginário social esta condição desviante (BANGO, 2003).

Castro (2011), no entanto, salienta que o lugar do jovem no Brasil pode ser pensado sob distintas perspectivas, dentre as quais se destacam o jovem proveniente de classes mais favorecidas economicamente, capazes de aperfeiçoarem-se segundo as suas capacidades individuais na manutenção de um progresso social e individual de uma classe elevada; muitos jovens oriundos da classe média com possibilidade de prepararem-se para o trabalho futuro, tendo as suas competências respeitadas; jovens às margens do processo educacional, os quais acabam por prover vagas de trabalho em ocupações subalternas; e os jovens pobres, que são estigmatizados como um “problema social”. Por esta razão, ainda hoje se compreende que a presença do jovem na escola e a empregabilidade juvenil continuam referenciados em determinados discursos, cuja função é a diminuição de riscos pessoais e sociais que este público ainda representa.

Esse viés, porém, não é o único pelo qual a juventude se enxerga. A pluralidade da compreensão do jovem pelo jovem também sublinha um discurso de juventude crítica, contestadora e engajada, com poder de mudar o mundo. Verifica-se esta compreensão a partir das falas: “Eu acredito realmente que a juventude vai melhorar muito as coisas nesse nosso país.” (Cleci, 29 anos); “Acho que de repente é o futuro.” (Wagner, 27 anos).

Esta perspectiva, do jovem responsável por provocar mudanças e participar ativamente das transformações contextuais da sociedade, representa um avanço no que se refere à mudança de paradigma entre o jovem visto como um problema e o jovem engajado politicamente. A participação das juventudes no Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), por exemplo, expressa o envolvimento do público na formulação e proposição de diretrizes de Políticas Públicas, contribuindo no diálogo entre jovens e organizações de juventudes, formulando estratégias que têm por finalidade o acompanhamento e avaliação da Política Nacional de Juventude (PNJ).

Além disto, os jovens entrevistados discorreram sobre esse momento de vida como se estivessem distante de suas vivências. Gláucia (28 anos) ilustra a questão ao responder: “Tu me pegou! Nunca me pensei como jovem. Já tô lá mais pra adiante.”. Percebeu-se no decorrer desta entrevista uma necessidade de prover a casa, fazendo a jovem assumir um papel adulto mesmo sendo jovem. Ou seja: vê a juventude como um momento de vida já ultrapassado. Nesta transição entre a juventude e o mundo adulto, Carrano (2010) aponta que este limite “depende tanto dos indicadores relativos às transformações vividas pelo corpo jovem biológico quanto daquilo que se refere aos

dados sociais objetivos e às representações que cada sociedade empresta ao conceito de jovem e juventude” (p. 157).

Neste caso, quanto ao papel adulto sobrepor-se ao papel juvenil, reflete-se que a constituição de uma família, que não a família de origem do jovem, altera os projetos de vida. Diante da responsabilidade pela família que constituem, os jovens referem-se ao trabalho como uma instância necessária à subsistência, tanto de si quanto da família que constitui. Deste modo, a discussão segue ao analisar o que os jovens falam sobre a educação, articulando-a com a questão do trabalho, tão presente na constituição de uma identidade juvenil em nosso país.

QUANDO O ASSUNTO É EDUCAÇÃO, TAMBÉM SURGE O TRABALHO

A atual configuração de nossa sociedade é consequência da Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra no final do século XVIII, e das formas como se instauraram a produção industrial no decorrer do século XX. O trabalho manufaturado deu lugar às máquinas, ao desenvolvimento tecnológico e às linhas de montagem. Nesse sentido, qual seria o papel da educação no desenvolvimento da sociedade, amparado na lógica do trabalho? Além da intelectualização, capaz de colocar os indivíduos a serviço do setor produtivo na criação e implementação de recursos voltados ao aprimoramento do trabalho, percebe-se também a legitimação de uma classe dominante, detentora do saber e capaz de manejar os trabalhadores (OLIVEIRA e ALMEIDA, 2009).

Tendo em vista este entendimento, constatou-se o porquê da dificuldade em estabelecer limites didáticos neste artigo em relação às definições de educação e de trabalho durante a análise das respostas emitidas nas entrevistas realizadas com os jovens egressos de cursos do PRONATEC. Tais questões estão intimamente ligadas às vivências juvenis, fazendo parte de seu cotidiano. Além disto, Oliveira e Almeida (2009) afirmam que “os problemas que permeiam o mundo sugerem que a educação e o trabalho precisam ser vistos em consonância com o movimento geral da sociedade” (p. 159), o que contribui na justificativa de apresentar esta análise conjuntamente. Afinal, a articulação destes tópicos percebida na fala dos entrevistados denotou o quão dinâmicos são a Educação e o Trabalho para a vida dos jovens, sendo necessário analisá-los concomitantemente.

De acordo com o documento *Síntese dos indicadores sociais – Uma análise das condições de vida da população brasileira*, a população jovem é questionada sobre os quesitos de Educação e Trabalho. Este estudo aponta que 22,7% dos jovens apenas estudam; 44% apenas trabalham; 13% estudam e trabalham; e 20,3% nem estudam, nem trabalham. Estes dados utilizaram-se dos resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do ano de 2013, que abrangeu todo o Território Nacional (BRASIL, 2014b). Neles, percebe-se a presença da Educação e do Trabalho na vida dos jovens, o que se relaciona intimamente com questões como identidade, cultura, desigualdade, entre outras.

Quando o assunto é Educação, os jovens entrevistados na pesquisa relataram: “Eu tenho notado que hoje em dia, ao contrário de uns anos atrás, que eu tenho quase trinta anos, hoje em dia as oportunidades aumentaram de uma forma... É muito expressiva. Antigamente, só quem tinha muito dinheiro pra ter um curso superior. Hoje em dia, se tu tiver boas notas, se tu for empenhado... Tu consegue um bom diploma.” (Cleci, 29 anos); “Juventude é pra estudar, se formar, estudar e se formar e é isso.” (Marivone, 24 anos). Neste sentido, percebe-se a importância da formação para os jovens, vista ainda pelo aspecto do acesso à universidade.

Este acesso à universidade tem contemplado uma maior parcela da população brasileira, especialmente de jovens de baixa renda. Em relação aos avanços no acesso ao Ensino Superior na população jovem entre 18 e 24 anos no país, Corbucci et al. (2009) expressam que, no período entre 1996 e 2007, a taxa de frequência líquida nesta etapa de ensino passou de 5,8% para 13%. No caso da frequência bruta, esta correspondia a 22,7% no ano de 2003, número abaixo de países como Argentina (60%) e Chile (46,2%). Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2011 apontam um aumento na taxa líquida, que chegou a 14,6%, enquanto a taxa bruta atingiu o percentual de 27,8% (BRASIL, 2014a). Alguns fatores que contribuíram para o aumento destes números foram: a abertura de novas universidades federais, a concessão de bolsas de estudos parciais ou integrais através do Programa Universidade Para Todos (PROUNI) em universidades particulares, a concessão de financiamento de cursos em universidades privadas pelo Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) e a oferta de vagas na rede de Instituições Federais de Ensino Superior (IFES).

Todavia, mesmo com o aumento do acesso e que haja um contingente de jovens que sequer projetava realizar um curso de graduação, e que puderam acessar esta etapa de ensino, Corrochano (2013) lembra que as trajetórias de vida e a necessidade de meios materiais para a sobrevivência podem acabar impossibilitando que o jovem ingresse e se mantenha na universidade. Quando este jovem não dá continuidade aos estudos, sua saída é viver do trabalho, razão que legitima a articulação que se estabelece entre estas questões tão relevantes em se tratando da juventude brasileira.

Definições como “estar empregado” ou “estar desempregado” acabam por fornecer ao jovem uma identidade. Trata-se de um reflexo de uma condição que pode ou não ser transitória, mas que é significativa e o define socialmente. Porém, fugindo da dualidade “estar empregado” ou “estar desempregado”, surgiu durante as entrevistas uma terceira definição sobre a situação ocupacional: a realização de cursos como preparação para o mercado de trabalho. Os jovens dizem: “Fazendo curso.” (Leandro, 17 anos); “Tô só estudando. Tô fazendo o técnico.” (Gláucia, 28 anos).

De acordo com Pinto (2013), “a sociedade entende a escola como uma instituição que tem como função preparar os jovens para o ingresso no mercado de trabalho” (p. 128). Por este viés, é possível compreender que tanto a escolarização quanto a entrada no mercado de trabalho apresentam relações que não podem ser anuladas entre si ao se pensar sem suas representações para os jovens. Ou seja: a Educação, e em especial a Educação profissional, representa um interesse no que tange ao acesso ao mercado de trabalho deste público.

Ao tecer sua compreensão sobre a representação do trabalho, Corrochano (2014) aponta que a forma de trabalho assalariado, o qual pressupõe a realização de uma atividade em troca de remuneração, constituiu-se como uma das características do modo de produção capitalista. Tendo em vista a necessidade de sobrevivência a partir do retorno financeiro presente na vida de muitos jovens, há uma tendência de que a escola seja deixada em segundo plano, pois mesmo que seja na informalidade, seja a necessidade do trabalho com retorno financeiro para muitos jovens torna-se de fundamental importância, seja para ajudar no sustento da família, para o consumo de bens materiais ou para a realização pessoal.

Para aqueles que não conseguem um emprego regular, novas formas de contrato passam a fazer parte de sua vida de trabalho: o trabalho temporário, que dura apenas algumas semanas ou meses do ano, o trabalho em tempo parcial, que pode ser

realizado em algumas horas do dia ou da semana. (CORROCHANO, 2014, p. 210).

Quando questionados sobre a compreensão acerca do trabalho, os jovens disseram: “Trabalho... Eu acho que tem trabalho aí fora, né? Eu acho que falta é um pouco de qualidade de repente, de qualificação.” (Wagner, 27 anos); “Trabalho teria que ter pra todos, né? Mas é uma coisa que tá difícil agora.” (Marivone, 24 anos); “Trabalho é necessidade, né? Até mesmo eu tenho que arrumar um serviço.” (Gláucia, 28 anos). Estas falas representam jovens que compreendem o trabalho como necessidade de empregabilidade, representando a sobrevivência e o sustento da casa. De acordo com Guimarães (2005), “é o desemprego, ou a falta de emprego, a faceta problemática do trabalho, sentida praticamente em igual medida por todos os jovens, independentemente de sua condição em face do mercado de trabalho” (p. 160). Desta forma, trata-se de uma necessidade presente na vida cotidiana de muitos jovens.

Abramo (2005), no entanto, lembra que não se pode cair no equívoco de atribuir às necessidades e garantias de sobrevivência os únicos motivos que levam os jovens, especialmente aqueles responsáveis pela família que constituem, a ingressar no mercado de trabalho. Os sentidos que o mercado de trabalho têm para os jovens são diferentes, conforme lembra Corrochano (2008). Além da necessidade, os jovens brasileiros também atribuem ao trabalho predicados como independência, crescimento, auto realização e até mesmo exploração.

O trabalho constitui-se como um modelo de identificação do jovem. A sua representação pode situá-lo como um sujeito pertencente a um determinado grupo, além de estabelecer aspectos de sua condição juvenil. Sobre esta questão, os jovens pesquisados tecem considerações relacionadas ao trabalho nesta etapa da vida: “Trabalho é o que nos deixa feliz, eu acho. Tu tá trabalhando te dá motivação, sabe? Um trabalho seria algo então que estaria completando a pessoa em algo que estaria faltando pra ela, né? Porque vai fazer com que ela se sinta feliz, vai fazer com que ela se sinta mais útil, dedicada nas coisas...” (Denise, 27 anos); “Eu gosto de trabalhar e gosto do que faço.” (Leonardo, 25 anos). Desta forma, compreende-se o valor ou a referência social do trabalho para os jovens. Trata-se de uma recompensa para além da financeira, não apenas essencial na questão da sobrevivência e do consumo, mas também como “espaço de socialização, de aprendizagem e construção da identidade pessoal e grupal” (LEITE, 2003, p. 156).

Embora não se possa negar o papel do trabalho na garantia de acessos a determinados bens materiais, não se deve restringi-lo somente a esta questão. Para o jovem, trata-se de um reconhecimento e um lugar de pertença, especialmente na formalidade, na qual a assinatura da carteira de trabalho representa o acesso a direitos como seguro-desemprego, décimo-terceiro salário, férias, aposentadoria, entre outras. Ou seja, a empregabilidade como uma das possíveis concepções de trabalho coloca em evidência a sua importância na formação do jovem, como indivíduo e cidadão (LEITE, 2003).

Por esta razão, as entrevistas realizadas com jovens egressos de um programa como o PRONATEC, que tem por finalidade estabelecer relações entre Educação e Trabalho, devem abarcar questões que coloquem em evidência a opinião de seus sujeitos diante de tais temáticas. Este momento da pesquisa constituiu-se, portanto, não apenas como uma coleta de dados necessária à elaboração da Dissertação de Mestrado já defendida, mas também como um momento onde o jovem pôde deparar-se com o seu próprio momento de vida, a Juventude, além de dialogar sobre questões tão presentes em suas vivências cotidianas.

CONCLUSÃO

Partindo de uma pesquisa que colocou em evidência Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), oito jovens entrevistados discorreram sobre as temáticas Juventudes, Educação e Trabalho, conforme o roteiro de entrevista estabelecido na tentativa de responder ao problema: “Quais os impactos efetivos do PRONATEC na vida e na inserção dos jovens no mercado de trabalho?”.

Tendo em vista a necessidade de compreender algumas percepções dos jovens pesquisados sobre o programa do qual eram egressos, este roteiro também considerou importante questionar: “O que você pensa sobre... a) Juventude; b) Educação; c) Trabalho”. A partir das respostas, percebeu-se que o material coletado possuía elementos capazes de promover uma discussão a partir tais temáticas, sendo este artigo fruto da pesquisa realizada. Portanto, a fala dos jovens promoveu esta discussão, na qual se percebeu o conhecimento/reconhecimento do jovem pelo jovem através da entrevista.

No que tange às ações, estratégias e Políticas Públicas desenvolvidas pelo Estado com foco nas juventudes, percebeu-se a necessidade de atentar aos anseios e necessidades desta população. Tendo em vista a multiplicidade de características presentes nas juventudes, bem como da importância de questões educação e trabalho para os jovens na constituição de uma identidade juvenil, verificou-se que além da articulação de tais temáticas na vida cotidiana dos jovens, eles ainda compreendem a importância da formação, vendo no acesso à universidade uma das principais vias deste reconhecimento.

Nos últimos anos, o Brasil tem visto o número de jovens acessando o Ensino Superior aumentar. Este avanço relaciona-se diretamente à elaboração e consolidação de Políticas Públicas desenvolvidas com este intuito, como o acesso através do Programa Universidade Para Todos (PROUNI) em universidades privadas, financiamento de cursos superiores em universidades privadas pelo Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) e a oferta de vagas na rede de Instituições Federais de Ensino Superior (IFES).

Porém, sabe-se que manter-se na universidade não é tarefa fácil para muitos jovens que, diante da necessidade de subsistência e de responsabilidades com famílias que constituem precocemente, optam pela sobrevivência a partir do trabalho. Alguns buscam uma formação, preparando-se especialmente para o mercado; outros, encontram no acesso ao mercado de trabalho diferentes sentidos, como a independência, crescimento, auto realização e até mesmo exploração. No entanto, a representação do trabalho para esses jovens permanece, pois se trata de um espaço de socialização e convivência. Além disto, o acesso a direitos a partir de um emprego formal apresenta-se como uma conquista para estes jovens.

Por esta razão, a fala dos jovens nesta pesquisa, sobre um programa como o PRONATEC, que articula Educação e Trabalho, expressa o quanto é necessário um espaço de diálogo para o jovem expor seus pontos de vista sobre assuntos inerentes à sua condição juvenil. Inclui-se neste argumento o fato de que as Políticas de Juventude devem considerar o que o jovem tem a dizer, tendo em vista a importância de desmistificar determinados estigmas que permanecem no imaginário social e promover as potencialidades e o protagonismo deste público que representa um contingente populacional dinâmico e imerso em diversos contextos.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo – SP: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 37-72.

BANGO, J. Políticas de juventude na América Latina: identificação de desafios. In: FREITAS, M. V. de. e PAPA, F. de C. **Políticas públicas: juventude em pauta**. São Paulo – SP: Cortez: Ação Educativa: Fundação Friedrich Ebert, 2003, p. 33-55.

BRASIL. Ministério da Educação. **Planejando a próxima década: conhecendo as 20 metas do Plano Nacional de Educação**. 2014a. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2016.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese dos indicadores sociais** – Uma análise das condições de vida da população brasileira, 2014b.

CARRANO, P. C. R. O ensino médio na transição da juventude para a vida adulta. In: FERREIRA, C. A. et. al. (Orgs.). **Juventude e iniciação científica: políticas públicas para o ensino médio**. Rio de Janeiro – RJ: EPSJV, UFPR, 2010, p. 143-167.

CASTRO, L. R. de. Os jovens podem falar? Sobre as possibilidades políticas de ser jovem hoje. In: DAYRELL, J. T.; MOREIRA, M. I. C. (Orgs.). **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte – MG: Ed. PUC Minas, 2011, p. 299-324.

CORBUCCI, P. R. et al. Situação educacional dos jovens brasileiros. In: CASTRO, J. A.; AQUINO, L.; ANDRADE, C. C. de. (Orgs.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília – DF: IPEA, 2009, p. 91-108.

CORROCHANO, M. C. **O trabalho e a sua ausência: narrativas de jovens do Programa Bolsa Trabalho no município de São Paulo**. 2008. 450 p. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao Ensino Superior. **Avaliação**. Campinas; Sorocaba – SP. v. 18, n. 1, p. 23-44, 2013,

_____. Jovens no Ensino Médio: qual o lugar do trabalho?. In: DAYRELL, J. T.; CARRANO, P. C. R.; MAIA, C. L. (Orgs.). **Juventude e Ensino Médio**. Belo Horizonte – MG: Editora UFMG, 2014, p. 205-228.

DAYRELL, J. T.; CARROCHANO, M. C. Juventude, socialização e transição para a vida adulta. In: GUIMARÃES, M. T. C.; SOUSA, S. M. G. (Org.). **Juventude e contemporaneidade desafios e perspectivas**. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos; Goiânia: Ed. UCG; Câne Editorial, 2009, p. 119-136.

GUIMARÃES, N. A. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil?. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira:**

análises de uma pesquisa nacional. São Paulo – SP: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 149-174.

LEITE, E. M. Juventude e trabalho: criando chances, construindo cidadania. In: FREITAS, M. V. de. e PAPA, F. de C. **Políticas públicas: juventude em pauta**. São Paulo – SP: Cortez: Ação Educativa: Fundação Friedrich Ebert, 2003, p. 121-141.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2011, 80 p.

MINAYO, M. C. de S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou complementaridade?. **Caderno Saúde Pública**. Rio de Janeiro – RJ, v. 9, n. 3, jul-set., 1993, p. 239-262.

NOVAES, R. C. R. Juventude, exclusão e inclusão social: aspectos e controvérsias de um debate em curso. In: FREITAS, M. V. de. e PAPA, F. de C. **Políticas públicas: juventude em pauta**. São Paulo – SP: Cortez: Ação Educativa: Fundação Friedrich Ebert, 2003, p. 121-141.

OLIVEIRA, S. A. Z. de. P.; ALMEIDA, M. de L. P. de. Educação para o mercado x educação para o mundo do trabalho: impasses e contradições. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo – RS, v. 16, n. 2, p. 155-167, 2009.

PINTO, L. T. C. **Educação profissional no Brasil (2003-2012): Uma análise das categorias trabalho e empregabilidade presentes no PROEJA, e-TEC e PRONATEC**. 2013. 143 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2013.

SPOSITO, M. P. Trajetórias na constituição de políticas públicas de juventude no Brasil. In: FREITAS, M. V. de. e PAPA, F. de C. **Políticas públicas: juventude em pauta**. São Paulo – SP: Cortez: Ação Educativa: Fundação Friedrich Ebert, 2003, p. 57-75.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo – SP: Atlas, 1987, 175 p.